

O CASAMENTO DO BODE COM A RAPOSA

HISTORIA
COMPLETA

PREÇO 500 rs.



FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL

(Catal. nº 765) — não é a mesma edição



O CASAMENTO DO BODE

COM A RAPOSA

Firmo
HISTORIA COMPLETA

Ouço os mais velhos dizerem,
Que os bichos da antiguidade,
Falava como falamos,
E tinha civilidade,
Nesse tempo até os bichos,
Casavam por amizade.

Nesse tempo o mestre Burro,
Lia, escrevia e contava,
O cavalo era escrivão,
O cachorro advogava,
O carneiro era copeiro,
O jabotí desenhava.

Leão era rei dos bichos,
Onça era professora,
Elefante era juiz,
Raposa era agricultora,
O camelo era correio,
A aranha tecedora.

O boi era general,
O Galo era corneteiro,
O porco soldado raso,
O veado era vaqueiro,
O coelho chefe do mato,
O macaco era ferreiro.

Gavião criava pintos.
Guaxinim plantava cana,
O macaco na sua tenda,
Vendia queijo e banana,
Aos outros a prestação,
P'ra receber por semana.

Urso era presidente,
a Traça era costureira,
Girafa fazia renda,
Cotia era engomadeira,
Perú era viajante,
Cobra vendia na feira.

O Lobo era capitão,
Urubú era marchante,
O Jacaré bacharel,
Canguru comerciante,
O péba era coletor,
Cameleão despachante.

A Curuja era feiticeira,
Papagaio pregador,
Periquito era fiscal,
O Sapo era caiador,
A Preguiça era porteira,
Mestre Bode era doutor.

O Gato era tenente,
Pavão era sapateiro,
Mucura vendia ovos,
Tiú era cosinheiro,
Tamanduá era padre,
O Preá era barbeiro.

A Cigarra era cantora,
O Mocó era dentista,
Socó era pescador,
E a garça era modista,
Morcêgo guarda noturno,
Largata era desenhista.

Afinal todos os bichos,
D'aquela tempo passado.
Eram como os homens de hoje;
Vivia tudo empregado.
Não se via bandalheira,
Nem se vivia enganado.

O bode era doutor,
De alta capacidade,
Namorou-se da Raposa,
Consagrou grande amisade,
Lhe prometendo mais logo,
Fazer-lhe a felicidade,

A Raposa muito alegre,
Chegou em casa e contou,
P'ra sua mãe que sabendo,
Com muito gosto aceitou,
A Raposa de contente,
Nesse dia não jantou.

Disse o velho: O doutor Bode,
E' um jovem muito decente,
Pertence a alta escol,
E' filho de boa gente,
Porem queremos saber,
Se o pai dele consente.

Porém quando o Bode soube,
Tambem não propoz questão,
Deu consentimento ao filho,
De dar á Raposa a mão;
A velha cabra então disse:
---Não acho boa a união.

Meu filho sendo um doutor,
Da alta sociedade,
Querer casar com uma moça,
De tão baixa qualidade?
Respondeu o velho sorrindo?
---Isso é formalidade.

A Raposa tambem é,
D'uma raça boa e pura,
E' uma jovem elegante,
E vive da agricultura,
Respondeu a cabra zangada:
---Mês não me agrada a figura.

Eu não sei que diabô tem,
Que a tal não posso me unir,
Me arripiam os cabelos,
Só em vêr ela sorrir,
Porem como todos querem,
O geito é eu consentir.

Fizeram logo os convites,
Por cartas especiaes,
Desde os soldados rasos,
Aos mais altos generaes,
Afimal todos os bichos,
Da classe dos animaes,

O Leão como era rei,
Mandou dizer que não ia,
Porem estava ao seu dispor.
Se quizesse garantia,
Mandava uma força armáda,
De linha ou cavallaria.

O Bode lhe agradeceu,
Dizendo não precisar.
Pois não tinha inimigo,
Que lhe quizesse atacar,
Porem se fosse preciso,
Telephonava p'ra lá.

Afinal chegou o dia,
Do casamento feliz,
Primeiramente iriam,
Na presença do juiz,
Depois foram se casar,
Na igreja da matriz.

As testemunhas do Bode,
Foram o Cachorro e o Elephante,
Da Raposa, a professora,
Onça pintada e galante,
E a filha do capitão Lobo,
Uma jovem muito elegante,

Sapo tocava guitarra,
O macaco, bandolin,
Periquito na rabeca,
Cangurú no violino,
Caetitú seu contrato-baixo,
O Perù no cavâquinho,

Gauxinim tocava flauta,
O Papagaio violão,
O Socó no clarinete,
Morcêgo no rabecão,
Mestre Coelho no tambór,
O Mocó no bombardão,

Veado levava pratos,
Carneiro botava mesa,
A Garça junto ao pavão.
Iam fazendo a limpeza,
O Porco de sentinella,
Para servir de defeza-

Estavam todos na mesa,
Começaram uma discussão;
Dizia o Lobo que era,
Superior ao Leão,
Salta o Cachorro dizendo,
--- Amigo, agora isto não!...

Me diga por qual motivo,
És melhor que o Leão?
Ele sendo o nosso rei,
Tem o direito na mão,
Temos de reconhecê-lo,
Como o chefe da nação.

Porem o Lobo zangou-se,
E queria porque queria,
Ver terminar em desgosto,
A festa daquele dia;
O Cachorro deitou-lhe o braço,
Errou, pegou na Cotia,

Don Raposo na lucta,
A favor do capitão,
O Cachorro pegou de geito,
E lhe deu um socavão,
E uma pequena dentada,
Deixando-o morto no chão.

Nisto chega o dr. Bode,
Vendo o seu sogro morrer,
E a professora também,
Veio a causa defender,
Mas o Boi pulou na frente,
Fez a Onça esmorecer.

Capitão Lobo nesse dia,
Arrenegou do diabo.
O corneteiro entrou em lucta,
Pouco minutos deu cabo.
Camello quebrou o espinhaço,
A Anta perdeu o rabo.

Salta o Burro e foi dizendo:
--- Com o Leão ninguém bole,
Pode vir duzentos Lobos,
Um bocado não me engole,
Deu um ponta-pé no Urso,
Que ainda hoje anda molle,

Perú correu para um lado,
Quaze morre de tremer,
Veado vendo a zuada,
Tratou logo de correr,
O Jacaré caiu n'agua.
Não quiz a vida perder.

Tenente Gato na lucta,
Com o dente agarrou Preá,
Macaco pulou no pau,
E gritou: Guarda de lá!...
Faça o angú de vocês,
Que eu fico olhando de cá.

A Raposa a muito tempo,
Já tinha se escapolido,
Vendo o Cachorro na lucta,
Não quiz saber do marido,
Caçote deixou a barba,
Cobra deixou o vestido.

O Péba apanhou de páu,
A Traça ficou em farrapo,
Urubú quebrou a perna,
Jaboty deixaram em trapo,
A Mucura quase morre,
Pisaram em cima do Sapo.

O Morcego por mais sabido,
Agarrou-se no cavallo,
O Grilo ia fugindo,
Gavião pode pegal-o,
A Barata se desviando,
Passou p'ro bico do Gallo.

D'um murro, o Coelho quebrou,
O pescoço do Socó,
Deixou a Preguiça sem junta,
E ficou sem rabo o mocó,
A Girafa disse: Vôte!...
Quem quizer que brigue só.

Onça fez uma carranca,
Deu um bofete no Bode,
Este espirrando dizia:
--- Com a Onça ninguem pode,
Dum bofete que me deu.
Quaze me arranca o bigode,

Porco sacou de um iacão,
E gritou: Guarda de baixo,
Com meia hora de luta,
Sangue corria em riacho,
Pavão apanhou de páu,
Mas não sujou o penacho.

Cameleão foi sahindo,
Guaxinim meteu-lhe a faca,
O Cachorro pegou o padre,
E foi com ele a estaca,
Disse Garça: Vocês briguem,
Mas não me sujem a casaca.

O Papagaio nem sabia,
Que rumo tinha tomado,
Cigarra saíu voando,
O Caboré estava trepado,
A Rã detraz duma porta,
O Tiú todo arranhado.

O Elefante e o Boi,
Lutavam na força bruta,
O Cachorro com o lobo,
E a onça na disputa,
A Anta mais o Mocó,
Perderam o rabo na luta.

Com duas horas de luta,
O campo estava deserto,
Não tinha quem visse mais,
Um dos bichos ali por perto,
Desde esse dia que os bichos,
Se entrigaram por certo.

Vamos saber dos noivos,
Que tinham se escapulido,
Raposa muito nervosa,
Por já ter tudo perdido,
Se não fosse o casamento,
Seu pai não tinha morrido.

Camisas de sete varas,
Só veste ela quem pode,
Diabo leve o casamento;
Chorando dizia o Bode:
- Por causa do tal casorio,
Ia perdendo o bigode.

O Bode fez juramento,
Por tudo quanto é sagrado,
Podendo divorciar-se,
Não seria mais casado;
Na minha mente o Camelo,
Saíu mais prejudicado.

Ao câbo de muito tempo,
A Raposa apareceu,
Magra, doente e pelada,
Que nem o Bode conheceu,
Chorando amargosamente,
Pelo seu pai que perdeu.

Dizia: Perdi meu pai!
Disse o Bode: Se eu não corro...
A Onça deu-me um bofete,
E um murro que quasi morro,
Culpado de tudo isso,
Foi o Lobo e o Cachorro,

A Raposa convidou o Bode,
Para se divorciar,
E fez juramento a Deus,
De nunca mais se casar,
Ficou de mal com o Cachorro,
Para nunca mais se falar.

-FIM-